



Enquanto o mundo da propaganda fala em comunicação 360º, o mundo lá fora pede uma mudança 180º. De hábitos, valores, padrões de consumo e de postura perante as diferenças sociais. Caso contrário, juram os especialistas, estaremos encrencados.

Algumas semanas atrás, tive o privilégio de participar de um evento que se propôs a discutir esse assunto: o 1º Fórum Internacional de Comunicação e Sustentabilidade. Adianto que tudo o que eu disser vai ficar muito aquém da experiência de estar lá. Não dá para reproduzir em duas laudas dois dias inteiros ouvindo gente que pensa.

O fórum abriu com a *Carta da Terra*, uma declaração de princípios fundamentais para a construção de uma sociedade global no século XXI que seja justa, sustentável e pacífica. Para quem quiser conhecer:

www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc

Rajendra Pachauri, presidente do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) e Prêmio Nobel da Paz 2007, foi o primeiro a falar. Fez uma apresentação sobre as mudanças climáticas no mundo e provou por a+b que a coisa está mesmo esquentando pro nosso lado. Segundo o economista indiano, não teremos chance se os países ricos continuarem consumindo como consomem.

“Temos que nos adaptar, querendo ou não”, disse ele. E essa adaptação passa pelo consumo consciente, por uma melhor distribuição de renda e por uma mudança radical nos hábitos, inclusive os alimentares. “Parem de comer proteína animal”, falou Pachauri do alto do seu Prêmio Nobel. Rajendra também provou que, para ser moderno e sustentável, não é preciso ser tecnologicamente mirabolante. Um simples lâmpião movido a energia solar levou luz a milhares de pessoas na Índia sem impactar o meio ambiente.

Oscar Motomura, da Amana Key, contou que um grupo de estudantes de uma das melhores universidades americanas assinou um documento na internet dizendo que se recusavam a colocar seus talentos a serviço de empresas não comprometidas com a sociedade e com o desenvolvimento sustentável. E listaram as tais empresas. É o feitiço virando contra o feiticeiro.

Oded Grajew, presidente do conselho deliberativo do Instituto Ethos e membro do Global Compact da ONU, mostrou que ainda estamos engatinhando: os investimentos das empresas que mais apostam em projetos sociais no mundo nunca ultrapassam a 1% de seu faturamento. E deixou um incômodo no ar: “Nós somos aquilo que fazemos, não o que falamos. Se você perguntar para qualquer pessoa, qualquer um, todos vamos dizer que somos a favor dos direitos da criança, da justiça social, da não-violência. Mas o que fazemos por isso?”

Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo, falou sobre a faca de dois gumes que é o desenvolvimento: “Não se faz um omelete sem quebrar os ovos. Mas também não precisamos matar a galinha.”

Miriam Duailibi, uma das principais ativistas ambientais brasileiras, abriu sua palestra chamando a atenção para o frio “do Alasca” que fazia no auditório. Foi uma saia justa: em pleno Fórum de Sustentabilidade, o ar condicionado bombava, provando que até nós, que nos dizemos preocupados com o planeta, jogamos nossos recursos naturais pela janela. Somos mesmo aquilo que fazemos.

Miriam disse que não podemos interromper o desenvolvimento: “Parar de crescer é congelar diferenças”.

Precisamos, sim, de uma agricultura mais eficiente, de produtos mais eficientes. O Brasil não pode continuar usando chuveiros elétricos que consomem zilhões de megawatts/ano e representam 60% do valor da conta de energia das famílias pobres quando já existe um sistema simples e barato de energia solar para chuveiros.

O Ministro dos Direitos Humanos Paulo Vanucchi deu uma aula de história e terminou dizendo que respeitar as diferenças é aceitar a idéia de paz.

Terezinha Azerêdo Rios, filósofa e educadora, emocionou o público ao citar o escritor uruguaio Eduardo Galeano: "Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, ela corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Então para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar".

Monja Coen mostrou que a não-violência tem tudo a ver com a sustentabilidade. E deixou duas perguntas sem resposta: "O que fazemos pelos pobres e destituídos? E o que fazemos pelos ricos e destituídos?"

O economista bengali Muhammad Yunus, Prêmio Nobel da Paz em 2006, falou sobre o Grameen Bank, o banco que fundou em 1976 para fazer pequenos empréstimos, sem garantia, a pessoas que não têm acesso aos bancos tradicionais, para que elas possam desenvolver seus empreendimentos artesanais e comerciais. Começou emprestando 27 dólares para 42 mulheres. Hoje o Grameen Bank é um exemplo na área de microcrédito: 7,5 milhões de pessoas no mundo são beneficiadas com cerca de 6 bilhões de dólares em empréstimos. Detalhe: 97% são mulheres. Outro detalhe: o índice de reembolso é de 99%.

Novas empresas do "grupo" Grameen surgiram em diferentes segmentos do mercado, todas com enorme sucesso, todas pensadas para e feitas pelas pessoas pobres: "Se você leva tecnologia e informação de um jeito que elas entendam, elas aprendem. São pobres, mas não são estúpidas", disse Yunus. Pensando assim ele conseguiu elevar a base da pirâmide social em seu país, Bangladesh. "Temos o olhar da águia, que olha de cima, quando deveríamos ter o olhar da minhoca", ensinou ele.

Quando perguntaram em que se inspirou para criar o Grameen Bank, Yunus disse: "Olhei para os bancos tradicionais e fiz exatamente o contrário do que eles fazem: eles fizeram para os ricos, eu fiz para os pobres. Eles emprestam para os homens, eu empresto para as mulheres. Eles têm papéis, eu não tenho. Eles não confiam, eu confio."

Por último, João Joaquim de Melo, líder comunitário do Conjunto Palmeiras, um bairro pobre da capital cearense, mostrou que também merece um Nobel da Paz. Inconformado com a miséria e a violência do lugar, criou o Banco Palmas, uma cooperativa de crédito para quem quer produzir (criar ou ampliar um pequeno negócio) no Conjunto, e outra que financia quem quer comprar de seus produtores e comerciantes.

Com isso, os moradores conseguem fazer a renda circular no próprio bairro, promovendo seu crescimento econômico. Para financiar o consumo, o banco criou um cartão de crédito: o Palmacard, utilizado somente no Conjunto Palmeiras. O Banco Palmas também apóia a criação de empresas comunitárias como a Palmafashion (confeccção), a Palmart (artesanato) e a Palmalimpe (fabricante de materiais de limpeza).

O conjunto tem até moeda própria: o Palma, indexado ao Real.

Nosso "Yunus" esbanjou sabedoria: "Um dia me fiz a pergunta: Por que somos pobres? E a resposta mudou nossa vida. Empobrecemos porque o dinheiro vai para as grandes corporações, vai para o consumo."

"Perguntamos aos moradores o que eles consumiam, onde compravam, no que gastavam. Fizemos as contas e descobrimos que, se conseguíssemos que aquele dinheiro ficasse na comunidade, nossa realidade seria outra."

"Criamos nosso próprio dinheiro, o Palma, e emprestamos na nossa própria moeda, que é indexada ao Real. Porque o Real vai embora, o Palma fica."

“Para saber se a pessoa merece o crédito, perguntamos para os vizinhos se ela é correta.”

“A confiança é contagiosa.”

“Sem namorar, a vida é triste. E tristeza não é sustentável.”, referindo-se ao dia de sua apresentação, 12 de junho.

.....

Bom, depois de tudo isso, sugiro começarmos pelo que fizeram na escola do meu filho. Um belo dia, terminado o lanche, a professora estendeu duas folhas de jornal no chão e pediu que as crianças colocassem sobre elas as embalagens vazias, os restos de alimentos, tudo o que seria jogado fora. E a classe pode examinar seu próprio lixo, observar seu desperdício. Ao pegá-lo na saída, ele falou: “Mamãe, não coloque mais um pedaço de bolo tão grande na minha lancheira. Eu não como tudo isso.”

P.S.:

1. Alguém disse essa frase ótima, não lembro quem foi: “É fácil amar o povo, difícil é amar o próximo.”
2. Cantamos o Hino Nacional na abertura e no encerramento do Fórum. Foi bom. A gente deveria cantar mais o Hino Nacional.
3. E o papel da Comunicação nisso tudo? Acho que é denunciar as coisas ruins e divulgar as boas. Discutir a relação é chato, mas homem e natureza vão ter de se entender.

Rita Corradi - redatora - Leo Burnett